

### **ALGO QUE TODO TEÓLOGO E PASTOR PRECISA REFLETIR ANTES E DURANTE SEU MINISTÉRIO**

THIELICKE, Helmut. *Recomendações aos jovens teólogos e pastores*. Tradução de Glauber Meyer Pinto Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2014. 64 p.

por Ederson Malheiros Menezes<sup>1</sup>

A editora Vida Nova publicou em 2014, depois de 24 anos da primeira edição publicada pela SETE e Editora Sepal, a obra de Helmut Thielicke, intitulada originalmente em alemão como *Kleines Exerzitium für Theologen*. A obra foi traduzida a partir da edição publicada pela Eerdmans Publishing. O teólogo Helmut Thielicke (1908-1986) exerceu ministério com reconhecimento internacional, além de atuar como professor de Teologia Sistemática na Universidade de Hamburgo, Alemanha. É autor de diversos livros de estudo e orientação ministerial.

Apesar da brevidade da obra que possui apenas 64 páginas, depois do prefácio ela está dividida em treze breves capítulos, com proposições de profunda reflexão. É perceptível o cuidado na construção de pensamentos objetivos com efeito extremamente prático.

No prefácio da obra, escrito por Franklin Ferreira, Diretor Geral e professor de

---

<sup>1</sup> Teólogo, graduando em Sociologia (licenciatura), especialista em Docência no Ensino Superior e EaD, mestre em Divindade (curso livre), mestrando em Práticas socioculturais e desenvolvimento social (Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS/CAPES). E-mail: educaoteologica@hotmail.com

História da Igreja e Teologia Sistemática do Seminário Martin Brucer, o pastor e teólogo Helmut Thielicke tem seus dados biográficos ampliados com breves e ricas informações acerca de sua formação e caminhada ministerial. Além deste aporte biográfico, a obra com caráter pastoral é valorizada e reconhecida como um clássico, que tendo sido escrita em 1965 carrega princípios extremamente relevantes para a atualidade do ministério pastoral e teológico - devendo ser apreciada tanto por jovens como experientes teólogos e pastores.

No primeiro capítulo o autor faz referência ao formato e brevidade do texto que compõe o livro definindo-o como digressões. Estas são convite para um exercício espiritual tendo em vista o fortalecimento da alma do estudante de teologia e conseqüentemente a compreensão/orientação da sua estranha conduta e comportamento, especialmente no princípio da caminhada.

No segundo capítulo se faz reconhecer o temor acerca da teologia que envolve os cristãos (tanto em experiência como em princípios) e o impacto do convite para tratá-la agora de forma científica. Há o incentivo para o reconhecimento destas objeções na vida dos estudantes e da comunidade cristã.

Para ilustrar o passo seguinte na vida do acadêmico de Teologia o autor usa ilustrações no terceiro capítulo que mostram a transformação que ocorre em jovens que saem cheios de vida do meio de suas igrejas e que semestralmente retornam carregados de exibicionismo terminológico e ideias abstratas paralisantes, desconstruindo a própria comunicação viva, livre e informal. Dá a entender o medo ou receio que a própria igreja carrega em enviar seus membros para estudar Teologia.

No quarto capítulo, intitulado *Adolescência teológica*, o autor faz referência a um fenômeno natural de crescimento por parte dos acadêmicos de Teologia. Relata o crescimento desproporcional do estudante, fruto da sedução da experiência conceitual, mas distante de uma identificação legítima que necessita tempo para desenvolvimento. Neste período, característico principalmente do primeiro ano de Teologia, faz-se a recomendação de que os acadêmicos ainda não exerçam o ministério da pregação nas igrejas.

No capítulo seguinte, em continuidade ao tratamento do problema da puberdade teológica, o autor menciona a necessidade da discrição conceitual teológica no próprio relacionamento entre jovens universitários, de maneira que se respeite a chama da vida espiritual e o cultivo de prazerosos relacionamentos.

No sexto capítulo, a vaidade é diagnosticada como doença. A patologia do jovem teólogo que aponta para um orgulho gnóstico encontra seu desafiador tratamento na

proposta conciliadora e paradoxal entre verdade (poder) e amor (altruísmo).

Na sequência, o autor passa das experiências para os princípios que configuram as objeções que os cristãos fazem à Teologia. A teologia estigmatizada por sabedoria humana produz suspeitas no sentido de tornar-se algo que destituirá a fé. A proposta do capítulo sete é conscientizar o teólogo da necessidade da fé na reconstituição histórica como base.

No capítulo oito é lembrado que a Teologia, para além do seu caráter científico, deve ser considerada um testemunho que atua por meio da reflexão - o que concede pleno direito da igreja questionar quando assim não se configura. O “instinto” dos filhos de Deus ajuda os teólogos na construção de uma Teologia não esotérica formada em ocultamento.

No capítulo nove verifica-se a fascinação da Teologia, especialmente a Dogmática, que se observa em detalhes estéticos ricos. E nesta perspectiva reflete-se sobre a tensão existente entre a forma da fé e a essência da fé, sendo esta segunda questão essencialmente necessária para tudo que envolve a vida do teólogo e pastor.

No capítulo seguinte há uma proposta para uma postura crítica contínua, evitando a hipertrofia do esteta teológico. A postura crítica constitui um desafio para que a fé não se configure apenas como objeto de livros e conteúdos armazenados no cérebro. Um convite para a fé que não tira os olhos de Jesus para colocá-los simplesmente em teorias, conceitos e teólogos.

O capítulo onze, intitulado *Estudando teologia em oração*, propõe a superação da condição em que Deus é tratado a partir de mera referência técnica, fruto da experiência em que se lê as Escrituras apenas para labor exegético e não como algo pessoal e relacional. É um chamado para a produção teológica em oração evitando o achatamento e a relativização do Evangelho.

No penúltimo capítulo, mais uma vez é renovada a advertência para que a Teologia não se torne uma mortal camisa de ferro pela negligência da proposta relacional que deve envolvê-la. A Teologia reconhecida em sua ambivalência (diabólica/sagrada) se distingue pela vida e oração/relação do teólogo e/ou pastor - “uma vida espiritual vigorosa, vinculada à Sagrada Escritura e vida no meio da comunidade cristã”.

A obra encerra com o texto do último capítulo, de número treze, no qual o autor incentiva a validação das orientações pela prática observada e avaliada. Um convite para sair do laboratório teológico para algo mais vívido - a ligação entre “o teólogo e o homem espiritual”.

Algumas realidades que envolvem o ministério pastoral e teológico são facilmente

reconhecidas por serem comuns em termos de experiência. No entanto, nem sempre são muito fáceis de serem descritas, e com menor possibilidade ainda de receber orientação prática que ajude efetivamente em sua superação. Esta obra, em toda sua limitação em termos de extensão, consegue em simplicidade e profundidade atender estes critérios em relação às várias e importantes questões que antecedem e acompanham o ministério teológico e pastoral. Por isso, constitui-se em leitura e reflexão “obrigatória” para teólogos e pastores que desejam conhecer melhor a si mesmos e a seu ministério. Leitura importante para o pastor e membro da igreja, para o professor de Teologia e, de forma especial, para o próprio acadêmico. Um precioso auxílio que garante qualidade na formação de teólogos e pastores.